

# Um almoço em Paris com Manuel Valadares

## João Gomes Ferreira

Sou o filho mais novo dos físicos Lídia Salgueiro (1917-2009) e José Gomes Ferreira (1923-1992). Os meus pais iniciaram a sua investigação em física no Laboratório de Física da Faculdade de Ciências sob coordenação de Manuel Valadares, sendo este o supervisor da tese de doutoramento da minha mãe, que defendeu no ano de 1945. A colaboração na investigação entre os três perdurou muito para além da expulsão de Valadares da Universidade de Lisboa em 1947, mantendo-se uma troca epistolar entre amigos, muito em especial sobre os trabalhos de investigação em curso, conselhos sobre diversos assuntos relacionados com a vida do Laboratório de Física e, em particular sobre filatelia, dado que a minha mãe e Valadares partilhavam uma paixão sobre selos a nível mundial que se relacionassem com Física.

A Comissão encarregue deste número especial da Gazeta sobre este grande amigo da minha família, perguntou-me se o tinha conhecido pessoalmente pois estavam a recolher testemunhos daqueles que conheceram Manuel Valadares.

O pouco que posso contribuir é a seguinte: A única memória que tenho dele é de um almoço em Paris em 1972, tendo eu doze anos. Os meus pais deslocaram-se a França por motivos profissionais, e com a sua perspectiva de educação ‘extra-muros’, fizeram-se acompanhar por mim e pelo meu irmão mais velho.

Não me recordo porquê, mas talvez se deva ao facto de o meu pai e eu sermos apreciadores de boa mesa—comer para a minha mãe era um acto termodinâmico de reposição energética, e o meu irmão seguia-lhe os passos.

Do que bem me recordo, é que o meu pai me levou a esse ‘rendez-vous’ gastronómico em Paris com o Prof. Valadares, e tive ocasião de consumir o melhor almoço da minha vida. Os meus pais raramente comiam fora e era sempre uma receita económica—o Valadares gostava de coisas finas e foi ele que ditou o restaurante.

Quando cheguei ao inevitável momento da dolorosa—e nessa época, tal como agora, uma boa refeição em Paris era bem dolorosa para a bolsa universitária nacional—o meu pai fez um esforço para oferecer o repasto; afinal do lado dele sempre eram dois.

O Valadares afastou a ideia com um gesto simples, sorriu serenamente para os seus convidados, e disse: “Gomes Ferreira, nem pense nisso. Olhe que eu estou tão velho que até já tenho dinheiro no banco.”



João Gomes Ferreira Professor na NOVA, onde nas últimas décadas tem feito um esforço para que no desenvolvimento nacional o mar seja mais que uma palavra bonita.

# Memória de encontros com o Dr. Manuel Valadares

## Maria Cândida Araújo

**Amsterdã, Julho de 1956**

### **Congresso de Reacções Nucleares**

Dois físicos portugueses, de diferentes gerações, encontram-se. Não se conheciam pessoalmente, mas o Dr. Manuel Valadares seguiu a ida do meu marido para a Universidade de Manchester. Sob a orientação de Léon Rosenfeld, colaborador dilecto de Niels Bohr, obteria em Maio de 1955 o grau de Ph. D. em Física Teórica. O contacto com Rosenfeld foi feito pelo Dr. Armando Gibert que em Lisboa se dedicara ao ensino e investigação sob a orientação do Dr. Manuel Valadares. E o interesse deste cientista e exilado português pelo desenvolvimento da Física em Portugal não se limitava a Lisboa!

Do encontro em Amsterdã recordo com particular nitidez a serenidade com que o Dr. Manuel Valadares se referia àqueles que tinham tido intervenção no seu afastamento e a expressão de apreço pelos que continuavam a tentar não deixar morrer a actividade científica na sua Pátria.

Recentemente licenciada e candidata ao ensino da Física e

Química na Escola Secundária, a convivência com a Dr<sup>a</sup> Maria Ramos foi uma oportunidade para aprender e reflectir sobre o ensino da Ciência em Portugal com uma cientista da sua creche. Mas era patente o seu sentimento de revolta pela injustiça que a obrigara a juntar-se ao seu marido no exílio, bem como a determinação de não voltar enquanto a situação no País não se alterasse.



O casal Araújo no Congresso de Amsterdã (1956) ladeando Marietje von Rossem, viúva do físico Julius Podolanski (1905-1955) que foi assistente de Léon Rosenfeld (1904-1974), sendo este último o orientador de José Moreira Araújo (1928-2020) no seu doutoramento na Universidade Manchester em 1955 (cortesia da Dr<sup>a</sup> Maria Cândida Araújo).